

Boletim de Ocorrência



Por
Celito De Grandi

048

Maragata sem medo

Na série que conta casos policiais, ZH relembra o crime cometido pela mulher de um dos combatentes da revolução de 1923

Nonoai ainda não era município, mas os mascates e os bandeirantes conheciam bem o lugar. Para quem ia ou vinha de São Paulo, uma parada indispensável.

Nonoai foi o chefe da tribo dos índios cainguangues com quem João Cypriano da Rocha Loires, major da Guarda Nacional, negociou um caminho de passagem para os tropeiros.



Revolução de 1923.

Cândido Francisco Lemes (de família francesa, Lemmé) era maragato. Nonoai, aliás, também tornou-se conhecido por ser forte reduto dos homens de Gaspar Silveira Martins.

Dona Isabel, a mulher de Cândido, tinha origem portuguesa dos Açores. Seu pai, Manoel de Moura Gavião, veio de lá.

Ela usava lenço vermelho, maragato. E, aos domingos, atravessava a praça, para ir à missa, toda vestida de vermelho vivo, protegida do sol por uma sombrinha da mesma cor. Fazia isso como provocação, quando o líder dos chimangos, Juquinha de Moura, e sua mulher, dona Alti, estavam na cidade.

Independente, decidida, espírito guerreiro, traços indígenas, herdados da mãe.

Assim como Isabel, outras tantas mulheres de revolucionários tomavam conta das fazendas e propriedades da família, enquanto os maridos guerreavam. Muitos não retornaram e não foram poucas aquelas forçadas a assumir os negócios para sempre.

Jovens viúvas de armas na mão.

Cândido e Isabel eram proprietários de um armazém de secos e molhados, ponto de encontro de viajantes e lugar de saber das novidades.

O marido partia para as batalhas, e ela ficava apenas com Escolástica a ajudá-la, durante o dia, nos serviços mais pesados. Isabel sempre se perguntava por que, afinal, deram a ela este nome. Escolástica, sinônimo de aprendiz. E ela sabia tudo, das tarefas da cozinha e do trato com os animais até o preço das mercadorias do armazém e o troco certo para os fregueses.



A notícia chegou sem preliminares: os chimangos iam tomar Nonoai naquela noite. Candinho, como todos os maragatos do lugar, foi obrigado a buscar refúgio. Rumou para Passo Bormann, em Santa Catarina, e levou as filhas junto, para protegê-las. Naquele tempo, muitas vezes, as jovens acompanhavam o pai para não serem molestadas pelos invasores.

As casas ficavam distantes, era preciso andar muito para encontrar o vizinho. Cada um por si.

Isabel mandou apagar os lampiões e deitou-se sob os lençóis brancos bordados com flores vermelhas.

Era madrugada quando ouviu o barulho. Alguém retirava as pequenas tábuas que seriam de telhas.

Isabel foi até o armário, pegou a espingarda e gritou:

– Quem está aí? Saia ou eu atiro.

Silêncio.

Até que os ruídos do telhado recomeçaram, e ela fez um disparo.

Ouviu o gemido, depois alguém rolando no telhado e o baque no pátio.

Permaneceu a noite toda acordada, as mãos na espingarda.



O dia amanheceu, e ela, cautelosa, saiu para o pátio e rodeou a casa. Nada. Caminhou para fora do portão e enxergou algumas gotas de sangue. Remexeu a terra com os pés e apagou as marcas.

Mais tarde, bateram à porta.

– Bom dia, dona Isabel. Estou indo para Palmeira e, na passada, vim lhe entregar as sementes que prometi. Notícias do Candinho?

O amigo da casa já ia se despedindo quando disse:

– Sabe quem morreu, dona Isabel? Aquele vizinho novo, lindeiro do meu irmão. Chegou em casa baleado, tiro de espingarda. Não deu tempo de falar, caiu morto. Diz que tinha muitos inimigos lá na terra de onde veio.

– Que Deus o tenha.

– O enterro é de tarde. A senhora não vai?

Isabel foi.

No velório, apresentou pêsames à família, olhou bem para o morto.

Voltou para casa e contou para Escolástica que o tiro tinha sido certo. No peito.

– E quem matou o homem?

– Ah, isso no velório ninguém sabia.

No dia seguinte, foi ao delegado e fez um boletim de ocorrência.



Ainda muito se fala de dona Isabel, na família e entre os conhecidos.

Nonoai não esquece seus gestos generosos. Mais de uma vez, ela, tão maragata, abrigou no armazém chimangos feridos nos entreveros.

Em sussurros, há quem diga que Dona Isabel queimou com soda as partes íntimas de uma moça da casa das mulheres que havia se engraçado por seu Candinho.

Mas os que sabem dessa história preferem silenciar. São muitas as verdades ocultas. E nem sempre convém reavivá-las.



Na ausência do marido, Cândido Francisco Lemes (D), que havia se refugiado em SC para escapar de ataques de chimangos, Isabel (E) usou uma espingarda para atirar em um desconhecido no telhado de sua casa

Crime ocorreu no começo do século passado, em Nonoai



O crime

Vítima:
novo morador de Nonoai

Época do crime:
1923

Cidade:
Nonoai

Principal suspeito:
Isabel Lemes

Motivação:
reação à suposta invasão de sua casa